

O PATRIARCA E O REGENTE

Mário Donato

...Talvez o leitor estranhe que nos tenhamos estendido tanto a respeito do padre Feijó, metendo-nos, inclusive, em seus problemas íntimos. Fizemo-lo de propósito. Sim, para dar ao leitor uma vaga idéia da complexidade daquela alma, torturada numa engrenagem em que a moíam a sua origem pecaminosa (não por Deus, mas pelo homens), a tentativa de racionalizar a doação da graça divina pelo merecimento individual, os seus pendores generosos e liberais (acusavam-no de ser republicano sem coragem de avocar o termo), e, afinal, as atitudes que, por dever de ofício, era obrigado a tomar, tão autoritárias como as de seu predecessor Pedro I.

Não terá havido antes dele, no seu tempo nem mesmo depois, governante mais presa de contradições que o padre e regente Feijó. Quando o vemos no seu retrato oficial, entalado num alto colarinho, que mais parece um aparelho de tortura inquisitorial, estejamos certos de que o que menos o machuca é o colarinho: a tortura está dentro dele. E aquele aparentemente imperturbável semblante de mameluco largado numa sociedade hostil, apenas esconde a sua perplexidade e a sua determinação, que lhe serve de bóia de naufrago, de atingir uma meta: manter o Brasil na rota de sua emancipação política, ganhar tempo, não aceitar provocações.

*

Entretanto, não cessaram os motins no Rio e os levantes nas províncias, sempre provocados por choques entre os moderados, exaltados e restauradores. Antônio Carlos, irmão de José Bonifácio, andava pela Europa aliciando forças em favor do retorno de Pedro I. O Patriarca, agora tutor do príncipe, readquirira o seu antigo prestígio. O ministro Feijó pediu a demissão do tutor, alegando que a conspiração contra o governo e as liberdades tinha sede no próprio Paço de São Cristóvão.

Não se tratava de uma questão pessoal. Estava em causa a consolidação do liberalismo, naquele período curto e crucial entre a saída de Pedro I e a ascensão de Pedro II. Ao fim da Assembléia de 1831, submeteram-se ao eleitorado, para a legislatura seguinte, as bases da reforma constitucional, cuja aprovação dependia do Senado. Tal reforma criava a "monarquia federativa, suprimia o poder moderador, extinguiu o

Senado vitalício, substituía os conselhos provinciais por assembleias legislativas — e unificava a Regência, o que possibilitava a execução daquelas medidas.

A Câmara, onde Feijó podia lutar, aprovou o projeto por 47 votos contra 21. No Senado, a velha guarda, que naturalmente não queria extinguir-se o projeto caiu por um voto apenas. Tão unânime era a compreensão de que se devia liberalizar o regime, que até senadores estavam dispostos, por quase maioria, a abrir mão dos seus privilégios vitalícios.

Com isso, José Bonifácio não caiu. Feijó chegou a apelar por um golpe de Estado, a fim de remover aquele obstáculo, terrível contradição de o próprio governo apelar para medidas que antes repelira (Pedro Calmon)... O ximango montou no seu burrinho e, acompanhado de apenas um escravo, voltou a São Paulo. Nem por isso, José Bonifácio continuou como tutor do príncipezinho: o Gabinete demitiu-o no ano seguinte, pelos mesmos motivos, com o que os restauradores perderam terreno...

*

Em 1835 fizeram-se eleições gerais no País para a escolha do regente único, Feijó candidatou-se, venceu e assumiu. Por grande margem, a elite dos eleitores mostrara apreciar devidamente os serviços que ele prestara à consolidação da Independência. O velho ximango se manteve no difícil posto a partir de outubro de 1835, por quase dois anos, embora já bastante doente da sua tabes e sem a energia anterior. Era cerrada a oposição que lhe faziam os políticos, pois não aceitava conchavos nem transigia... Era, ainda, hostilizado pela Santa Sé, que não esquecia o seu projeto de pôr fim ao celibato dos padres. Renunciou, embora lhe restassem dois anos de mandato, e voltou outra vez a São Paulo...

São unânimes os historiadores em considerar aquele mameluco-ximango o regente Feijó, fator decisivo para a consolidação da Independência nos anos conturbados em que, pelo demasiado interesse de uns e pela inércia acomodaticia de outros, poderia tornar-se vitorioso o movimento restaurador. Feijó não o permitiu, e foi lamentável que ele, enquanto se voltava para o futuro, encontrasse do lado oposto da trincheira, voltado para o passado, José Bonifácio de Andrada e Silva, da sua mesma rígida têmpera dos paulistas de outrora.

*

(Depois da Revolução Liberal de 42, exílio, julgamento e absolvição)

Aqui, Feijó foi morar na mesma casinha da Rua da Freira, onde nascera. Moribundo, transferiram-no a braços para uma casa vizinha, a de um sobrinho, onde morreu na noite de 10 de novembro daquele mesmo ano de 1843. Embalsamaram-no e o seu corpo foi levado, na noite de 14, para a Igreja do Convento do Carmo, onde o velaram até o amanhecer de 15, com exéquias de corpo presente. “Quero ser enterrado sem acompanhamento, nem ofício, e de loba (batina) somente”. Não o atenderam. A cidade em peso compareceu ao enterro, que saiu da sua casa da Rua da Freira... Repousa hoje o grande mameluco na cripta da Catedral da Sé, em nada desmerecedor do sangue do cacique Tibiriça ali ao seu lado.

*

Dissemos (páginas atrás) que José Bonifácio de Andrada e Silva morreu em 1838. Está sepultado no Panteão dos Andradas, em Santos. Não podemos, entretanto, sepultá-lo neste volume com tão poucas palavras, tão grande é o seu merecimento...

Foi José Bonifácio autoritário? Foi. Violento? Sim. Com os seus irmãos Antônio Carlos e Martim Francisco, compunha uma tríade enérgica, lutadora e que não temia nem recuava diante dos mais duros adversários. Dir-se-á, como alguns o fizeram, que não era “dono da Independência”, nem de D. Pedro, e que nem só ele era patriota, pois outros também o eram. Sim, de acordo. Ninguém mais do que ele, porém, encaminhando a Independência, estava em condições de manobrar com cautela e firmeza para levá-la a bom termo. “Pode-se dizer que a Independência, já de fato estabelecida, só precisava de um ato solene, que a fizesse de direito... (Rocha Pombo). E José Bonifácio a fez, usando o príncipe como instrumento, o que era uma forma de preservar a unidade geográfica do Brasil através da idéia monárquica. Quaisquer projetos mais radicais do que essa transição, que a todos parecia natural e suave, poderia estilhaçar o Império, como ocorrera na emancipação das repúblicas espanholas da América.

Era José Bonifácio, sem favor, um homem avançado para o seu tempo, e cumpre perdoar-lhe as violências e mesmo as arbitrariedades que cometeu ou permitiu cometer, pois com elas visava preservar a Independência e a unidade brasileira. Era ambicioso, mas de uma ambição de qualidade. Sonhava alto para o Brasil. Ao ser deportado...

De alguma forma, eram José Bonifácio de Andrada e Silva e Diogo Antônio Feijó espíritos afins, com temperamentos semelhantes, ambos apaixonados, severos, austeros, violentos, tanto que se chocaram na Regência, o primeiro apesar da sua formação científica e o segundo apesar da sua formação religiosa. O santista era um homem da ciência e o paulistano, objetivo, conciso, retilíneo, procedia como se o fosse, a despeito da sua batina. O Patriarca fez a revolução que os tempos autorizavam, a Independência, e o Regente, porque novos tempos o permitiam, aprofundou-a, impedindo a volta do absolutismo e fazendo triunfar os princípios liberais. Não será exagero dizermos que o padre deu continuidade e cimentou o sonho do mineralogista. Ambos paulistas, o mameluco coroou a obra do homem branco.

**Excertos da obra O PAÍS DOS PAULISTAS,
ainda inédita.**